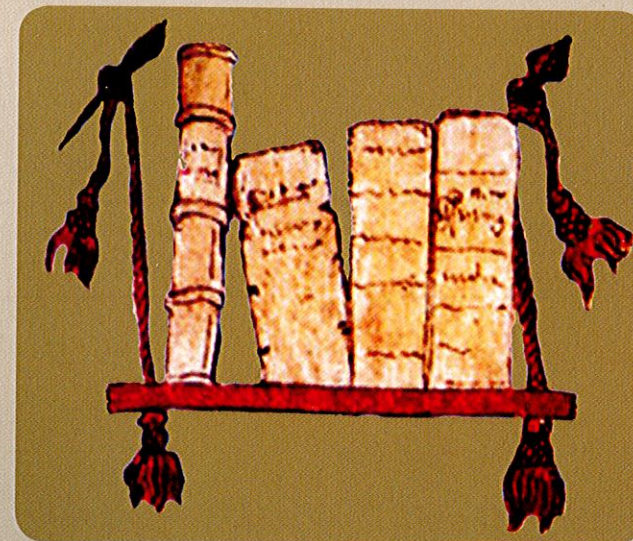


**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



Camões e os contemporâneos

2012



# Camões e os contemporâneos

**Organizadores**

*Maria do Céu Fraga  
José Cândido de Oliveira Martins  
João Amadeu Carvalho da Silva  
Maria Madalena Teixeira da Silva  
Manuel Ferro*

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos  
Universidade dos Açores  
Universidade Católica Portuguesa



Camões  
e os  
contemporâneos

# Camões e os contemporâneos

*Organizadores*

Maria do Céu Fraga

José Cândido de Oliveira Martins

João Amadeu Carvalho da Silva

Maria Madalena Teixeira da Silva

Manuel Ferro

Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos

Universidade dos Açores

Universidade Católica Portuguesa

BRAGA 2012

Este trabalho é financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Fatores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto PEST-C/ELT/UI0150/2011 (Ref.ª COMPETE FCOMP-01-0124-FEDER-022684).

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



#### Ficha técnica

Título: **Camões e os contemporâneos**

Organizadores: Maria do Céu Fraga • José Cândido de Oliveira Martins • João Amadeu Carvalho da Silva  
Maria Madalena Teixeira da Silva • Manuel Ferro

Edição: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos (CIEC)  
Universidade dos Açores / DLLM  
Universidade Católica Portuguesa / CEFH

Tiragem: 600 exemplares  
dezembro 2012

Design da capa: Ana Amaral e Mário Fernandes

Execução gráfica: Graficamares, Lda.  
R. Parque Industrial Monte Rabadas, 10  
4720-608 Prozelos - Amares

Depósito Legal: 353162/12

ISBN: 978-989-9892-3-9



O conteúdo dos artigos e a norma ortográfica usada são da responsabilidade dos autores.

## ÍNDICE GERAL

APRESENTAÇÃO.....	13
-------------------	----

### I

#### O estado da arte

Para a revisão do conceito de Maneirismo	
VÍTOR AGUIAR E SILVA .....	19
O ensino de Camões. Aproximações a um problema maior	
JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES.....	35
Os dois Adamastores: diversidade e complexidade na epopeia camoniana	
THOMAS F. EARLE.....	51
<i>Os Lusíadas</i> à luz da teorização da epopeia nos tratados latinos do <i>Cinquecento</i>	
ARNALDO DO ESPÍRITO SANTO .....	63
Vasco da Gama, a figura histórica e a personagem d' <i>Os Lusíadas</i>	
GIULIA LANCIANI.....	75
Fernão Álvares do Oriente e Camões: o romance irresistível	
MARIA VITALINA LEAL DE MATOS.....	81
Aspetos da receção de Camões: do Neoclassicismo aos alvares do Romantismo	
OFÉLIA PAIVA MONTEIRO.....	95
<i>Os Lusíadas</i> para gente nova	
VASCO GRAÇA MOURA .....	111
Camões e a espiritualidade do seu tempo	
JOSÉ CARLOS SEABRA PEREIRA .....	117
A memória da alma	
BARBARA SPAGGIARI.....	155



## II

## Camões e os seus contemporâneos

“Um solitário andar por entre a gente”: Camões visto por comentadores dos séculos XVI e XVII ISABEL ALMEIDA . . . . .	171
Canto Nono HÉLIO J. S. ALVES . . . . .	183
Pastoras e pastores: a subversão camoniana da Arcádia de Virgílio CARLOS ASCENSO ANDRÉ . . . . .	195
Reflections on the Empire in the work of Diogo de Teive CATARINA BARCELÓ FOUTO . . . . .	207
<i>Hospital das Letras</i> de D. Francisco Manuel de Melo: o olhar <i>avisado</i> de um cortesão discreto sobre “modernos” e “antigos” MARIA JOÃO MOTA E SILVA DE FIGUEIREDO BETTENCOURT . . . . .	219
Camões e Pedro da Costa Perestrelo: aspetos da inspiração bíblica no Maneirismo português MARIA BOCHICCHIO . . . . .	233
<i>Os Lusíadas</i> de Camões: o seu significado e receção crítica na <i>Arte Poética</i> de António de Ataíde (1564-1647) ADRIANO MILHO CORDEIRO . . . . .	241
O Camões do <i>Estado Novo</i> : receção e ensino CARLOS M. F. DA CUNHA . . . . .	253
Camões en el canon de la literatura española XOSÉ MANUEL DASILVA . . . . .	259
Representações do Portugal de finais de Quinhentos, nos textos de Soropita MARIA LUÍSA DO C. LINHARES DE DEUS . . . . .	277
A receção d’ <i>Os Lusíadas</i> em França no século XIX: análise do paratexto da autoria dos tradutores, nas traduções de Millié e de Ragon DOMINIQUE FARIA . . . . .	287
<i>Ilustre senhor meu</i> : a épica nas dedicatórias das éclogas de Diogo Bernardes, Camões e os seus contemporâneos ANA FILIPA GOMES FERREIRA . . . . .	297

O impacto da proposta humanista da épica cristã em Portugal MANUEL FERRO . . . . .	309
Martim de Castro do Rio: outros tempos no nosso tempo MARIA DO CÉU FRAGA . . . . .	327
Sá de Miranda e Camões MARCIA ARRUDA FRANCO . . . . .	339
O sublime no humilde nas redondilhas de “Babel e Sião” MARIA HELENA NERY GARCEZ . . . . .	353
André Falcão de Resende, tradutor de Horácio SHEILA MOURA HUE . . . . .	365
Luís de Camões e Sandro Botticelli HELENA LANGROUVA . . . . .	377
Momentos “heureka” camonianos arquivísticos: Camões de repente; de repente, Camões CHRISTOPHER C. LUND . . . . .	391
O tema da “saudade” em Gaspar Frutuoso JOSÉ LUÍS BRANDÃO DA LUZ . . . . .	403
A formação universitária de Gaspar Frutuoso. Um açoriano na Universidade de Salamanca em meados do século XVI ÁNGEL MARCOS DE DIOS . . . . .	419
Reflexão metapoética de Diogo Bernardes em <i>O Lima</i> e a poética clássica JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS . . . . .	435
<i>Et valeat tacitis scribere quisque notis</i> . A emblemática presença de Alciato nos comentários a <i>Os Lusíadas</i> de D. Marcos de S. Lourenço FILIPA MEDEIROS . . . . .	461
Luís de Camões e Luís da Cruz: dois poetas, mas o mesmo amor à pátria ANTÓNIO MARIA MARTINS MELO . . . . .	475
Da música no ensino e nas festividades universitárias de Coimbra no tempo de Camões MARIA DO AMPARO CARVAS MONTEIRO . . . . .	485
Os poetas contemporâneos de Camões musicados no seu tempo MANUEL MORAIS . . . . .	513



Fernão Rodrigues Lobo Soropita, um poeta editor da lírica de Camões MICAELA RAMON . . . . .	519
O diálogo e a emblemática em convergência: o “aut prodesse [...] aut delectare” nos <i>Diálogos de Vária Doutrina Ilustrados com Emblemas</i> , de Vasco Mousinho de Quevedo MARIA TERESA NASCIMENTO . . . . .	527
Camões para o futuro. Excerto de uma teoria sobre a composição d’ <i>Os Lusíadas</i> LUIZA NÓBREGA . . . . .	537
“Que fez o Serenissimo & Reverendissimo Cardeal Iffante Dom Anrique”: a ação legisladora do Arcebispo e Inquisidor-Mor no tempo de Camões MILTON PEDRO DIAS PACHECO . . . . .	549
Imagens judiciais na lírica de Camões LUÍS DA SILVA PEREIRA . . . . .	565
“E do ventre levado à sepultura”: Job e as variações em torno do tema da miséria humana na poesia maneirista PAULO SILVA PEREIRA . . . . .	581
<i>Bona Lvsitania!</i> Aspetos da celebração de Portugal em Resende e Camões VIRGÍNIA SOARES PEREIRA . . . . .	597
Imagens do cativo em Alcácer-Quibir na poesia de Diogo Bernardes JOÃO AMADEU OLIVEIRA CARVALHO DA SILVA . . . . .	607
O processo de composição das comédias de Sá de Miranda e o trabalho de edição das várias versões d’ <i>Os Estrangeiros</i> MARTHA FRANCISCA MALDONADO BAENA DA SILVA . . . . .	615

### III

#### Camões na literatura contemporânea

Camões na pena e na espada de Camilo JOÃO PAULO BRAGA . . . . .	627
<i>Uma viagem à Índia</i> , de Gonçalo M. Tavares: a epopeia possível no século XXI ANA CRISTINA CORREIA GIL . . . . .	639
À sombra de Camões: celebrações e aprendizagens ROSA MARIA B. GOULART . . . . .	647

(Re)Escrever Camões: entre o prazer da memória e a exigência da técnica MARCO LIVRAMENTO . . . . .	657
A receção de Camões em Joaquim de Araújo MARIA AMÉLIA FERREIRA PEIXOTO MAIA . . . . .	673
Camões e a poesia de Vasco Graça Moura JOÃO MINHOTO MARQUES . . . . .	687
As variações camonianas na escrita experimental de Ana Hatherly (das neoglosas verbo-voco-visuais de <i>Leonorana</i> ) CARLOS PAULO MARTÍNEZ PEREIRO . . . . .	697
A atualidade de Camões na obra poética de Rui Knopfli MARIA DO CARMO PINHEIRO E SILVA CARDOSO MENDES . . . . .	713
D’ <i>Os Lusíadas</i> a <i>Os Calaios</i> : o discurso da épica camoniana na literatura galega MARIA ISABEL MORÁN CABANAS . . . . .	721
Camões e os trovadores românticos RICARDO NOBRE . . . . .	733
Um Adamastor ambíguo, uma tuba enrouquecida: Camões na leitura de Nélide Piñon MARIA APARECIDA RIBEIRO . . . . .	745
A sombra de Camões SUSANA ROSA . . . . .	757
Cartografias do regresso: o intertexto camoniano em Vasco Graça Moura JOSÉ MANUEL VENTURA . . . . .	763

## APRESENTAÇÃO

Quis o autor anónimo do retrato de Luís de Camões na prisão de Goa representar, entre os objectos que o acompanham na cela e caracterizam a vida do poeta, vários volumes encadernados poisados numa estante improvisada entre as pedras das paredes. Não registou nem títulos, nem autores, e assim a nossa imaginação ganha liberdade para, com maior ou menor verosimilhança, preencher as lombadas e as folhas daquelas encadernações, descortinando nelas manuscritos ou edições impressas, escritores clássicos ou modernos, nacionais ou estrangeiros, poetas, filósofos...

Quando isolámos esse motivo do quadro, elegendo-o para figurar na capa do presente volume, encantou-nos o seu poder simbólico: com efeito, a nossa imaginação projecta-se na tentativa de reconstituir as letras apenas sugeridas nas lombadas, abre-se a um mundo de literatura e cultura, mas não esquece que no centro, motivando o nosso impulso, encontrará Camões.

No fundo, esta representação iconográfica reproduz uma situação que tem acompanhado uma parte significativa dos estudos literários e da literatura portuguesa: neles, Camões é uma presença constante, mesmo quando não está explicitamente figurado. Já não nos poderemos queixar da “monomania camoniana” que reinava no final do século XIX e se prolongou por boa parte do XX. Com efeito, quando Carolina Michaëlis de Vasconcelos forjou a expressão, que na época acenderia na imaginação de cada leitor um significado ainda mais vigoroso do que aquele que lhe encontramos agora, os estudos literários giravam declaradamente em torno da figura e da obra de Camões. A figura e a obra do Poeta erguiam-se no meio de uma série de outros textos, que, de uma forma muito sumária, e caricatural até, diríamos condenados a um de dois destinos: ora a serem esquecidos, porque o seu autor não era Camões, ora a serem integrados na obra camoniana e assim louvados. Passavam os seus autores a ser uma simples referência, um nome na sequência da história literária, mas permaneciam na margem dos esquecidos.

Para explicar a centralidade auferida por Luís de Camões na cultura portuguesa é forçoso invocar, em primeiro lugar, a real qualidade do seu engenho, espreado nos mais variados temas e assuntos; mas logo concorrem outros factores, alguns de natureza mais



emocional e ideológica do que propriamente literária, que não só fizeram vingar a poesia camoniana, como também fundaram uma imagem do poeta que o tornou símbolo e peça fulcral na constituição da identidade nacional. Na própria língua o notamos: quando pensamos na língua de Camões, temos de pensar também que, numa época em que os idiomas vernáculos se procuravam impor, valorizando os seus méritos literários face ao latim e às suas irmãs matriciais, a língua de Camões emerge na dignidade do canto épico e representa a plena pujança do Português.

No entanto, o poeta não está isolado e, a par dele, outros homens de letras ganham vulto: a época de Camões é uma época literariamente rica. Aliás, os poetas de então sabem-no: “nunca nesta terra / houve tantos em que houvesse tanto talento”, apregoa Pero de Andrade Caminha, que a crítica e sucessivas tentativas de reconstituição biográfica tornaram o modelo do poeta cortesão, rival e inimigo de Camões; e Diogo Bernardes, com mais apurada eufonia, interroga retoricamente: “D’ingenhos a quem Febo encordoa / a doce e branda lira com mão própria / A quem de verde louro dá coroa / Quando entre nós houve maior cópia?”

É um tempo que, histórica e culturalmente, possui na nossa tradição a força do mito e se impõe nos nossos dias como valor e símbolo identitário, e, talvez por isso, como época que, à semelhança de certas heranças longínquas, se pensa não precisar de ser conhecida com pormenor, porque se considera segura e indiscutível. Mas é sabido que essas heranças, assim tratadas, se vão dissolvendo e até se perdem ...

Uma herança, alertavam já os humanistas, traz consigo, a par da riqueza, deveres e encargos que ultrapassam a simples conservação do passado. Assim o entenderam o Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, a Universidade dos Açores e a Universidade Católica Portuguesa que, tendo presentes a situação e tendências actuais dos estudos literários, se uniram na organização deste volume.

Sem negar a centralidade de Camões, mas também conscientes de que, em certa medida, e ainda que de uma forma indirecta e involuntária, a aura do poeta maior enfraqueceu a atenção devida a outros, lançámos um repto a muitos dos mais reconhecidos estudiosos da obra camoniana e da sua época, numa tentativa de obter algumas respostas para um conjunto de interrogações que se levantam hoje sobre Camões, os poetas seus contemporâneos e as relações que com ele estabelecemos.

Quem são os escritores coevos de Camões? Como era o mundo em que se moviam? Qual o seu horizonte literário e cultural? Por que razões persistem ou foram esquecidos? E como podem continuar a ter significado junto das gerações mais novas? Que lugar ocupa Camões entre eles? Como ler hoje Camões e os seus contemporâneos? E, por outro lado, como se projectam, seja enquanto influência, seja como tema, a vida e a obra de Camões na literatura dos nossos dias? Poderemos considerar nossos contemporâneos Camões e os seus contemporâneos?

Procurando sistematizar as respostas obtidas, o livro agora publicado reuniu-as em três secções. Um primeiro momento apresenta o “estado da arte”, num conjunto de ensaios que permite a contextualização rigorosa e instigadora de problemas que a temática geral do livro vem a implicar de forma mais ou menos explícita. A segunda secção do livro reúne os ensaios dedicados ao “Príncipe dos Poetas” e a vários escritores seus contemporâneos, alguns menos conhecidos do que outros, mas merecedores de luz. Finalmente, a encerrar o volume de uma forma que se diria natural, a última secção regista a presença inspiradora de Camões e da sua obra na literatura dos nossos dias, interpretando o acolhimento que lhe fazem autores nossos contemporâneos.